


DOCUMENTÁRIOS DOMÉSTICOS E DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS: OFICINAS AUDIOVISUAIS DURANTE A PANDEMIA

 DOI: 10.5281/zenodo.6551824

Lucas Rossi Gervilla

Doutorando (Bolsa CAPES) e mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP. Bacharel em Comunicação e Multimeios pela PUC-SP. Trabalha com imagens desde 2005. Email: lucas.gervilla@unesp.br

RESUMO

O autor descreve os processos de criação, desenvolvimento e desdobramento de dois projetos de formação audiovisual produzidos durante a pandemia: a oficina “Documentários Domésticos” e o programa “Orientação de Desenvolvimento de Curtas”. São abordados os desafios e os resultados obtidos em cada um deles, além das metodologias utilizadas.

Palavras-chave: Audiovisual. Documentário. Oficina. Orientação.

ABSTRACT

The author describes the processes of creation, development, and unfolding of two audiovisual training projects accomplished amidst the pandemic: the "Domestic Documentaries" workshop and the program "Short Film Development Orientation". It addresses topics such as the challenges and the outcomes of each case, besides the methodology.

Keywords: Audiovisual. Documentary. Workshop. Orientation.

Introdução

Desde 2018, ministro (ou ministrava, a pandemia nos leva à uma confusão dos tempos verbais) a oficina “Documentários em Vídeo Digital”³¹, promovida por dois programas distintos: o Pontos MIS, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, e Oficinas Culturais, gerida pela POIESIS. Ambas são financiadas pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. As oficinas têm como objetivo a formação de público e a capacitação de pessoas que se interessam pela produção

³¹ Ver o artigo “Fora da Capital – oficina de documentários em vídeo digital”, publicado na Revista Apotheke, v.2 n.2 - 2020, disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/17920>>

audiovisual. As atividades de ambos programas acontecem em cidades do interior, litoral e região metropolitana do estado, de Ubatuba a Ilha Solteira.



Fig. 01: Oficina “Documentários em Vídeo Digital”, em Vargem Grande do Sul, 2019. Fotografia do próprio autor.

Em março de 2020, com a pandemia do novo coronavírus, as programações das duas instituições foram suspensas e, até o momento, não existe nenhuma previsão para o retorno das atividades presenciais. Diante desse cenário, seus oficinairos foram convidados a apresentar propostas que pudessem ser adaptadas ao cenário pandêmico e desenvolvidas remotamente.

Tive a oportunidade de participar junto a colegas dos Pontos MIS da elaboração do programa de “Orientação de Desenvolvimento de Curtas”. Com as Oficinas Culturais pude criar a oficina “Documentários Domésticos”. Este artigo compartilha algumas das experiências vivenciadas nesses dois projetos formativos elaborados de maneira emergencial.

Orientação de Desenvolvimento de Curtas

O programa “Orientação de Desenvolvimento de Curtas” foi estruturado e conduzido por mim e mais cinco profissionais dos Pontos MIS: Bruno Caneiro, Chico Santos, Daniela Gonçalves, Daniela Smith e Giuliana Monteiro; todos oficinairos e oficinairas experientes do programa e com larga experiência na produção audiovisual.

Em um primeiro momento, a proposta apresentada pela coordenação do programa foi a criação de videoaulas ou *podcasts*. Chegamos a pensar em produzir uma grande oficina, com vários módulos de duração, na qual cada um de nós ficaria responsável por encontros específicos dentro de sua área de conhecimento. Porém, logo percebemos que com essa estratégia seria muito difícil manter uma continuidade dentro da atividade, o que poderia gerar uma evasão dos participantes. Outro fator que nos levou a desistir dessa ideia foi a dificuldade que as pessoas poderiam ter para gravar materiais audiovisuais durante o período de isolamento social. Então tivemos que optar por uma ação na qual a participação e execução das atividades pudessem ser realizadas respeitando as orientações sanitárias de segurança. Assim, surgiu a ideia de criarmos um programa para orientarmos pessoas que tinham ideias para a realização de um curta-metragem, mas que ainda não tinham desenvolvido o projeto ou não sabiam como fazê-lo. Foi assim que teve início o programa “Orientação de Desenvolvimento de Curtas”.

Depois de diversas reuniões virtuais entre a equipe, definimos qual seria o melhor formato para a atividade. Mesmo tratando-se de uma ação online, decidimos manter algumas características das oficinas presenciais, como por exemplo, priorizar a participação de pessoas de fora da capital do estado. Outro ponto importante foi a decisão de privilegiar participantes que ainda não tivessem uma atuação profissional na área do audiovisual. Não haveria limite de idade e todas as atividades seriam gratuitas. Uma vez acordados esses aspectos, iniciamos a redação do edital.



Fig. 02: Captura de tela de reunião à distância dos oficinairos dos Pontos MIS. Imagem cedida pelos participantes.

O processo de escrita do texto para a convocatória foi um processo relativamente desgastante e tomou mais tempo do que imaginávamos. Por mais que a equipe tivesse experiência em escrever projetos culturais para serem inscritos em editais como esse, era a primeira vez que estávamos do outro lado do processo. Todas as versões do texto tinham que passar pela análise e posterior aprovação do departamento jurídico do MIS. Depois de muitas idas e vindas, conseguimos ajustar os detalhes e concluir o texto final.

O edital foi dividido em três eixos: “Desenvolvimento: Ideia/Roteiro”, “Produção: Editais/Captação/Filmagem” e “Finalização: Montagem/Pós-Produção”. O primeiro era dedicado a projetos que estavam na etapa inicial de escrita, seja na forma de argumento ou roteiro, que possam ser desenvolvidos e aprofundados durante o programa. O segundo tinha como foco propostas que estivessem com o roteiro finalizado, prontos para serem inscritos em editais e captação de financiamento, ou que já estavam em fase de pré-produção. Neste caso, o objetivo era colaborar com a preparação da filmagem, trabalhando tanto questões de logística quanto aspectos artísticos, relacionados à direção. Por fim, o terceiro eixo era destinado a projetos já filmados e que precisavam de orientação sobre a montagem e a finalização.

A idade mínima para as inscrições era 16 anos. Poderia haver a participação de trabalhos em grupo. Procuramos simplificar ao máximo a documentação necessária para as inscrições, os proponentes deveriam enviar informações como o nome do filme – mesmo que provisório – o tipo de linguagem audiovisual pretendida

e a sinopse do projeto. Entre os principais critérios de seleção estavam a contribuição dos trabalhos para o fortalecimento da diversidade cultural e a relevância do projeto para o desenvolvimento da linguagem audiovisual.

Depois de 30 dias de convocatória aberta, recebemos mais de 70 inscrições, dos mais variados tipos de filmes e temas. Propostas vindas de cidades espalhadas por todo o estado, atestando o interesse e a potência da produção audiovisual, mesmo durante a pandemia. O perfil dos proponentes era bem diverso, de estudantes a pessoas que nunca tinham tido nenhum contato com audiovisual. Havia também inscrições de pessoas que começaram a interessar-se por audiovisual através das oficinas presenciais dos Pontos MIS. Cada um dos seis responsáveis pelo programa atribuiu notas de 01 a 03 para cada projeto. Ao final, as notas foram somadas e os 15 projetos com maior pontuação foram selecionados.

As propostas aprovadas foram distribuídas entre nós, de acordo com a área de atuação, interesse e afinidade de cada um com o tema dos trabalhos apresentados. Dessa forma, pudemos fazer acompanhamentos individuais dos projetos. Durante o mês de julho de 2020, realizamos encontros semanais com os proponentes, totalizando quatro orientações. Um ponto recorrente em praticamente todas as propostas apresentadas era a dificuldade dos proponentes transcreverem com palavras as ideias imagéticas que tinham em mente. Nosso trabalho foi debater os principais aspectos de cada projeto para que os próprios responsáveis pudessem compreender melhor o que pretendiam, além de apresentar referências filmográficas que pudessem auxiliar nesse processo.

Na primeira semana de agosto, foi realizado um *pitching*³², onde os proponentes de cada projeto puderam fazer uma apresentação do trabalho para todos os seisicineiros do programa. Foi uma oportunidade para fazer uma comparação da evolução de cada trabalho, desde o material que foi submetido na inscrição até o resultado atingido depois das orientações. Também foi uma oportunidade para ouvirmos dos participantes suas críticas e sugestões em relação ao formato do programa e ao método de orientação.

A seguir, descrevo com mais detalhes o processo dos projetos pelos quais fui responsável.

³² Prática comum em editais e laboratórios de projetos, onde os participantes apresentam seus projetos para uma comissão, abordando seus objetivos e intenções.

O Armário Não É o Nosso Lugar e Estrangeiros

Durante o “Orientação de Desenvolvimento de Curtas”, fiquei responsável por dois projetos de documentários: um chamado “O Armário Não É o Nosso Lugar”, de Alexandro Stênico, de Piracicaba, e outro com título “Estrangeiros”, um projeto coletivo de estudantes do curso de Ciências Sociais da UNESP de Marília. O processo de orientação transcorreu bem em ambos os casos, pois os participantes, desde o primeiro momento, demonstraram interesse e seriedade na realização de suas propostas. As duas propostas cresceram muito no curto período de orientação. Dessa forma, me ofereci para continuarmos voluntariamente com as orientações mesmo após o encerramento do programa oferecido pelos Pontos MIS. A ideia foi aceita pelos integrantes dos dois projetos e continuamos com os encontros de orientação durante todo o segundo semestre de 2020.

“O Armário Não É o Nosso Lugar” será um documentário que aborda questões identitárias de gênero e cultura *queer*. O filme parte da história pessoal do próprio proponente e como ele aprendeu como lidar com questões não relacionadas aos padrões heteronormativos da sociedade brasileira. O trabalho expõe os diversos conflitos enfrentados pelas pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIA+ durante todo o processo de reconhecimento de suas sexualidades, autoaceitação, exposição da orientação sexual e identidade de gênero para seus familiares e amigos.

Além de expor as dificuldades enfrentadas por essas pessoas, o documentário tem a proposta de empoderá-las. A produção do filme é uma forma de favorecer a representatividade de uma comunidade, dificilmente encontrada nos meios de comunicação sem que seja de forma estereotipada ou pejorativa. Criações de artistas LGBTQIA+ também serão exibidas no documentário, proporcionando a valorização artística e cultural da comunidade.



Fig. 03: A cantora JuPat, que tem participação confirmada no filme. Fotografia: Anna Júlia Santos.

Um dos objetivos do documentário é produzir um conteúdo que provoque uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas LGBTQIA+ e conscientizar a população em geral acerca dos assuntos em torno do tema. Outra meta do filme é oportunizar a própria identificação das pessoas pertencentes a essa comunidade através da apresentação de pessoas iguais a elas, com dificuldades e histórias de vida parecidas, fazendo com que se identifiquem e sintam-se representadas. Além do mais, será um produto de apoio para aqueles que estão passando por esse processo de entendimento e externalização de sua sexualidade, favorecendo a sua autoaceitação, contribuindo assim para que essas pessoas consigam “sair do armário” e possam ser como elas realmente são.

O filme tem o propósito de ser produzido por uma equipe composta inteiramente, ou em sua maioria, por LGBTQIA+. A ideia é a valorização do trabalho dessas pessoas, colaborando com o caráter representativo da obra, em que a apresentação da comunidade LGBTQIA+ no documentário seja feita por ela mesma.

O projeto que, originalmente, seria um curta-metragem de até 26 minutos cresceu, ganhou corpo e tornou-se um longa metragem com mais de 70 minutos. Depois da escrita da nova proposta - que fará parte do trabalho de conclusão de curso de Alexandro Stênico na Faculdade de Comunicação Social da UNESP de Bauru – o projeto foi inscrito em alguns editais de financiamento. Em novembro de 2020, “O

“Armário Não É o Nosso Lugar” foi aprovado pelo PROAC³³ na categoria de desenvolvimento de longa metragens e, atualmente, encontra-se em fase de pré-produção. A conclusão do filme está prevista para o final de 2021.



Fig. 04: A estilista Jal Vieira, que tem participação confirmada no filme. Fotografia cedida pela própria artista.

“Estrangeiros” será um curta-metragem documentário que mostrará a experiência de jovens estudantes que migraram de suas cidades para viver e estudar em universidades públicas de outros municípios do estado de São Paulo. Essa mudança faz com que cada universitário tenha uma experiência particular na nova cidade, e algumas questões desenrolam-se à medida em que estudantes relatam suas experiências e sensações de estranheza com o espaço urbano, despertando um sentimento de não pertencimento com o novo lugar.

O filme dialoga com o conceito de alteridade, proposto pelo filósofo búlgaro Tzvetan Todorov, trazendo à tona a discussão sobre a questão do “outro”. Essa discussão procura responder às perguntas sobre como os estudantes seriam colocados como o “outro” da relação “nós e os outros”. A narrativa será pensada nas

³³ Programa de Ação Cultural, desenvolvido e financiado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.

experiências de inospitalidade, de não acolhimento que as cidades de Araras e Marília podem proporcionar aos recém chegados. A narrativa nos leva a conhecer as histórias de estudantes que buscaram por meio da arte, da ecologia, da ocupação da cidade, produzir expressões artísticas e/ou políticas e utilizá-las como ferramenta para se integrar na cidade. “Estrangeiros” pretende levantar perguntas como: “é possível sentir-se como um estrangeiro em seu próprio país?”, “em sua própria cidade?”, “de que forma a existência de diferentes culturas se apresenta na vida cotidiana?”.

O documentário contará com a participação de estudantes em formação e formados em Universidades públicas localizadas, como a UFSCAR de Araras e a UNESP de Marília, advindos de outras cidades e/ou estados, apresentando, dentro de suas vivências e realidades a perspectiva particular sobre o acolhimento recebido ao chegar na cidade, e quais as formas que encontraram para adequar-se à realidade local. Também contará com a participação de pessoas que se relacionam de outra maneira com a cidade, como pessoas originárias de Marília, trabalhadores da faculdade, pessoas que possuem cargos importantes na cidade, entre outros.

Embora os estudantes que formam o grupo responsável por “Estrangeiros” estudem no campus da UNESP de Marília, cada um e cada uma é natural de uma cidade diferente do estado de São Paulo, ou seja, todos carregam alguma forma de estrangeirismo, o que tem uma influência direta na temática do filme. Essa multi-territorialidade permitiu que o projeto fosse inscrito em vários editais, vindo a ser contemplado pela Lei Emergencial Aldir Blanc, via município de Araras. O trabalho está em fase de pré-produção, com previsão de lançamento para o final do primeiro semestre de 2021.

Em junho de 2020, “O Armário Não É o Nosso Lugar” e “Estrangeiros” eram projetos ainda em fase inicial. Um semestre depois, ambos foram contemplados e conseguiram recursos públicos para a sua realização.

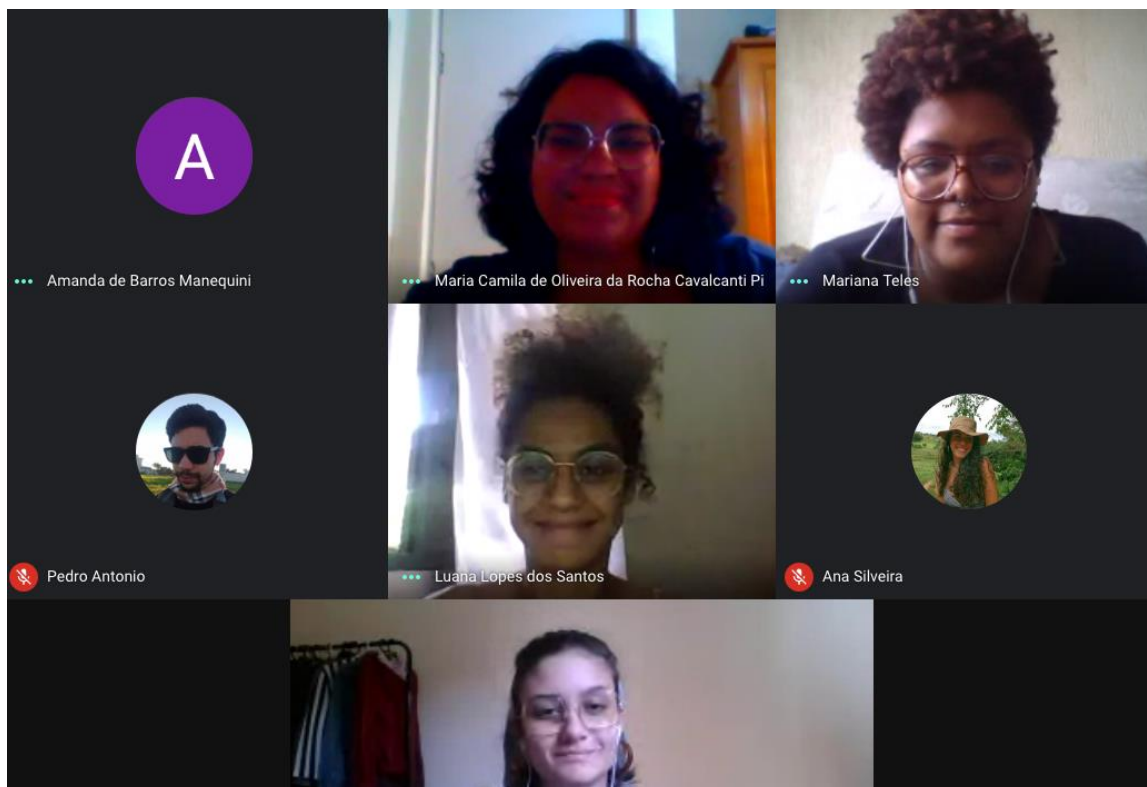


Fig. 05: Captura de tela de reunião à distância com integrantes da equipe de “Estrangeiros”. Imagem cedida pelo grupo.

Documentários Domésticos

Quando a POIESIS me convidou para apresentar uma nova proposta para as Oficinas Culturais, as únicas exigências eram que as atividades pudessem ser realizadas à distância e que as práticas sugeridas não fossem contrárias às medidas de isolamento social. Pensei em uma continuação (e não apenas uma versão adaptada) da oficina “Documentários em Vídeo Digital” e assim surgiu a ideia de “Documentários Domésticos”.

Na atividade, os participantes entram em contato com métodos de produção audiovisual voltados para o cinema documentário, não importando o tipo de dispositivo de vídeo (celulares, webcam, câmeras semiprofissionais, DSLR’ s, etc.) A oficina é focada em técnicas de filmagem e produção sem sair de casa, utilizando equipamentos de baixo custo e acessórios fáceis de serem encontrados ou adaptados a partir do que os participantes tiverem à mão. Também são abordados princípios básicos da edição e montagem, resultando em minidocumentário.

O principal objetivo é compartilhar ferramentas para que o público possa contar suas próprias histórias. Partindo de gravações feitas pelas próprios participantes,

foram realizados dois minidocumentários coletivos sobre temáticas decididas em conjunto. Ao final dos encontros, as pessoas que participaram da atividade tornaram-se aptas a produzir seus pequenos documentários, seja para uso profissional ou para compartilhar suas vivências durante a quarentena.

Outro fator motivador para o desenvolvimento da atividade foi que, devido às práticas de distanciamento social para contenção da pandemia, milhares de pessoas viram-se em uma situação completamente atípica. Surgiram novas relações com atividades cotidianas, diferentes percepções de tempo, teletrabalho e mais uma extensa lista de práticas. A oficina parte desse cenário para incentivar os participantes a contarem suas próprias histórias mesmo durante esse momento de incerteza e circulação reduzida. Gravações em vídeo, videoconferências e muitas atividades que envolvem o vídeo – mas que não eram familiares para inúmeras pessoas - passaram a fazer parte do cotidiano. A oficina também visa aprimorar essa relação com o vídeo e transformá-la em uma oportunidade para a produção de conteúdo audiovisual.

Originalmente, a atividade aconteceria em três encontros de duas horas cada, mas, devido à grande procura, foi aberta uma turma extra. A primeira etapa da oficina aconteceu em setembro de 2020 e a segunda em outubro. Ao todo, participaram 65 pessoas de 54 cidades diferentes. A equipe de programação da POIESIS e eu concordamos em utilizar as vantagens do ambiente virtual e não trabalharmos apenas com pessoas residentes do estado de São Paulo, mas de qualquer outra parte do Brasil. Assim, houve a participação de pessoas das regiões Nordeste, Centro-oeste e Sul. Essas escolhas proporcionaram um ambiente bem diverso, com pessoas das mais diferentes formações, idades e áreas de atuação.

A oficina combinou um conteúdo teórico sobre as principais características do gênero documentário: a origem desse tipo de cinema, modos de representação e estratégias de aproximação aos temas e pessoas que participam do filme. Em paralelo, foram abordados aspectos práticos de captação de som e imagem. Como lição de casa, os participantes deveriam produzir algum material audiovisual sobre o seu cotidiano. Os resultados foram muito variados: de paisagens rurais a praias do litoral norte de São Paulo. A diversidade cultural também mostrou-se presente nos diferentes sotaques e hábitos diários. O conteúdo registrado foi compartilhado entre todos utilizando a plataforma Google Drive, assim, era possível ver o que cada colega estava produzindo.



Fig. 06: Fotograma de vídeo produzido durante a oficina “Documentários Domésticos”, 2020.

Para o último encontro de cada turma, puxei todo o material produzido e juntos realizamos o processo de edição. Com a tela do software de edição compartilhada, pudemos criar coletivamente uma narrativa para essas imagens e realizar um trabalho um pouco diferente da estética “quarentênica” das janelas de encontros no Zoom e Google Meet.

Algo interessante nesse tipo de prática é a junção de imagens feitas em lugares e situações completamente diferentes, mas que na montagem audiovisual acabam se fundindo, criando paisagens imaginárias. Em cada uma das duas turmas foi possível a realização dos minidocumentários³⁴.

Em janeiro de 2021, “Documentários Domésticos” fez parte do programa da 24ª Mostra de Cinema de Tiradentes. Na ocasião a metodologia adotada foi a mesma que na das oficinas da POIESIS. Também puderam participar pessoas de diversas regiões do país, com um enfoque maior em residentes do estado de Minas Gerais. Assim como nas outras edições, foi possível a realização de um minidocumentário³⁵.

As oficinas também contribuíram para a formação de redes colaborativas entre os participantes e muitos deles passaram a produzir seus próprios conteúdos após as atividades.

³⁴ Minidocumentário da primeira turma: <<https://youtu.be/OalleiPD8s0>>

Minidocumentário da segunda turma: <<https://youtu.be/GZHjrz0w4Dk>>

³⁵ Disponível em: <<https://youtu.be/kVqTrxdmCnA>>



Fig. 07: Fotograma de vídeo produzido durante a oficina “Documentários Domésticos”, na 24ª Mostra de Cinema de Tiradentes, 2021.

Considerações Finais

Falar sobre as alterações e adaptações as quais fomos - e ainda estamos sendo - forçados por conta da pandemia já tornou-se lugar comum. Atividades de formação que envolvam ações presenciais foram algumas das primeiras a serem suspensas e, certamente, estarão entre as últimas a serem retomadas. Diante desse contexto são necessárias novas estratégias executadas através do ambiente virtual. Porém, não se tratam de práticas que busquem substituir o presencial, isso seria rebaixar as atividades remotas a um nível de improviso, como uma gambiarra.

As atividades artísticas de formação desenvolvidas durante a extensa quarentena devem buscar um enfoque em um conteúdo que depois possa ser colocado em prática quando, finalmente, pudermos retomar nossas atividades cotidianas com segurança. Os programas “Documentários Domésticos” e “Orientação de Desenvolvimento de Curtas” são práticas que foram realizadas segundo essa linha de pensamento, visando desdobramentos em um momento pós-covid-19.